

GUERRA INSURRECIONAL

Ten-Cel JOÃO PERBOYRE DE VASCONCELOS FERREIRA
Oficial de EM

INTRODUÇÃO

OBJETIVO DO TRABALHO

O objetivo dêste trabalho é de natureza conceptual: apresentar a diferença substancial entre os dois tipos de guerra de libertação e insurrecional, que se apresentam praticamente fundidos.

Para cumprir essa finalidade proposta, imaginei o seguinte caminho:

- pesquisar a origem das lutas e assentar os objetivos que se propõem;
- grupar as guerras por objetivo;
- aproximar os dois conceitos: guerra insurrecional e de libertação no que êles têm de comum, no grande grupo guerra civil, estabelecendo após as dessemelhanças que as diferenciam.

Admiti que o problema de terminologia tinha valor fundamental e estabeleci uma sinonímia conciliatória entre as denominações dos vários autores.

O problema nomenclatura, secundário para conceitos longamente vistos, assume capital importância quando há vacilação entre as escolas e estudiosos, como deixei transparecer no capítulo conceituação.

Além disso, essa vacilação apresenta saldo favorável para os soviéticos que podem estadar que os movimentos comuns de libertação dos povos são o alastramento da idéia comunista, tangida pelo determinismo histórico, condicionando a vitória inapelável do comunismo no mundo.

GENERALIDADES

Preliminares — O estudo da guerra insurrecional comporta, preliminarmente, uma crítica do conceito, um mergulho no seu conteúdo, numa tentativa de restringir a amplitude de que desfruta, a qual dificulta grandemente o seu entendimento perfeito.

Com o fim de amaneirá-lo para o seu tratamento no laboratório da técnica militar, não iremos propriamente fazer a mutilação filosófica ou conceptual do mesmo. Vamos tentar desfazer a distorsão em busca da simplicidade e clareza.

Para isso, filieemos as lutas humanas ao grande sentimento-mãe que as origina: a procura de domínio ou hegemonia.

Hegemonia — Há um postulado da evolução que, lançando para a frente os séres, explica a sua aspiração íntima de domínio e hegemonia, gradações do mesmo fenómeno. Isso determina a luta no seu sentido genérico, física, nervosa e política como um processo de ultrapassamento.

A coletividade copia o ser, lembrando bem como DAUDET, que o ser é uma multidão.

A observação da curva da história permite fixar três grandes direcções desse processo de ultrapassamento:

- Hegemonia total ou domínio, na fase colonial ou em períodos esporádicos de invasão do território.
- Hegemonia económica, quando um povo vive um estágio de produção de matérias-primas ou mercado para povos industrializados.
- Hegemonia ideológica, pela implantação de idéias políticas alie-nígenas, que acarretarão, necessariamente ao povo, a situação de caudatário da política de outro povo.

A cada uma dessas cadeias, as coletividades vêm reagindo de maneira particular. Assim:

- Guerras de libertação para a sua independência política contra a hegemonia ou domínio;
- Ações de integração da independência política, através da bandeira do nacionalismo, com o combate ao subdesenvolvimento como medida dinâmica e uma série de medidas-barreiras como defensiva;
- Processos complexos de resistência e atividade consagrados, segundo a escola francesa nos estágios "parada e resposta".

Quando as direcções de expansão das nações se encontram, surgem as lutas interpretadas geralmente pelas guerras convencional e nuclear.

A crítica deste quadro singelo, permite situar melhor os dois conceitos que hoje em dia se apresentam fundidos:

- Guerra de libertação.
- Guerra insurreccional.

O 1º, como foi visto, é uma defesa que se levanta contra o agressor. É conceptualmente defensivo. O 2º é uma agressão que se propõe contra um povo para arrastá-lo à órbita da hegemonia de outro povo. É con-

ceptualmente agressivo. O primeiro é uma liberdade que se ensaia. O 2º é uma subjugação que se pretende. Se o 1º é uma solução contra uma hegemonia efetiva, o 2º, como ciclo inverso, é uma tentativa do exercício da hegemonia para repetir o domínio colonial, embora sob outros aspectos e processos.

Há, em suma, uma diferença de direção do processamento (de dentro para fora e de fora para dentro), de contraste de atitude (defensiva e ofensiva), de substância (uma é a hegemonia que se desmorona; outra é a hegemonia que se forma).

Vamos grupá-las no quadro geral de guerras, abaixo.

Posteriormente, tentaremos definir-lhes os contornos desenrolados sobre linhas ideológicas, e movimentados por processos estratégicos e táticos.

Haveremos de admitir que têm uma individualidade distinta entre si e dos demais conflitos, um "facies sui-generis" inconfundível.

Bastará, se não lhes valerem outras características, a finalidade diversíssima que os distancia.

QUADRO DAS GUERRAS, POR OBJETIVO

Guerra Geral — Objetivos ilimitados;

Guerra Limitada — Objetivos limitados;

Guerra Civil — Insurrecional — Obj: Dominação soviética;

— De libertação — Obj: Integração da soberania nacional;

Guerra fria — Objetivos limitados, sem ação armada.

PROCESSOS

1. Para a Guerra Geral:

— Guerra convencional ou nuclear.

2. Para a Guerra Limitada:

— Guerra convencional ou nuclear.

3. Guerra Civil:

— Guerrilha.

— Guerra psicológica.

4. Guerra Fria:

— Pressões políticas e econômicas.

— Guerra psicológica.

É lógico que os processos da Guerra Civil e Guerra Fria podem coexistir e coexistem com os processos convencionais e nucleares na Guerra Geral e Limitada.

Também que a Guerra Civil pode evoluir para a Guerra Geral ou Limitada, quando perde então o seu conteúdo particular, vivendo plenamente os processos e objetivos daquelas formas de conflito.

Fixamos apenas os processos marcantes que as definem sem tentar fazer compartimentos estanques no conjunto conceptual único — a luta, choque de vontades.

SINONÍMIA

Guerra Civil — Guerra subversiva ou irregular.

Guerra Insurrecional — Guerra revolucionária, guerra de conquista ou injusta, ou imperialista, guerra indireta ou de exportação.

Guerra de Libertação — Guerra justa.

Guerrilha — Guerra dos Partisans, "petit guerre", guerra de superfície.

CONCEITUAÇÃO

1. *Escola Francesa* — Para os franceses, há três formas essenciais de guerra:

- Convencional.
- Nuclear.
- Subversiva.

Definem a guerra subversiva como aquela empreendida de acordo com a doutrina marxista-leninista, no interior de um país, contra a autoridade de direito ou de fato, por uma parcela dos seus habitantes (ajudados ou não do exterior), com o objetivo de arrancar daquela autoridade o controle do país ou, pelo menos, de paralisar sua ação.

2. *Escola Americana* — Para os norte-americanos, há três formas básicas de guerra:

- Convencional.
- Nuclear.
- Não convencional.

Definem a guerra não convencional como aquela que é conduzida, sistematicamente, pelas forças terrestres treinadas, equipadas e orientadas para operar contra as fontes do potencial inimigo. Ela difere de outras operações militares, porque implica em trabalho intimamente ligado com a população nativa das áreas controladas pelo inimigo; ela é intimamente integrada com a guerra econômica, política e psicológica. Os detalhes da sua organização e os métodos operacionais são específicos e secretos.

3. *Escola Russa* — Os russos consideram duas grandes categorias de guerra:

- As revolucionárias ou de libertação.
- As guerras imperialistas.

A guerra revolucionária seria aquela travada por um Estado revolucionário, um partido revolucionário, um povo escravizado, contra um Estado Burguês, um partido reacionário, uma potência colonialista.

4. *Nossa posição* — O Mensário de Cultura Militar do último semestre de 1960, aconselha preliminarmente a adoção do termo “guerra insurrecional”, para traduzir o conteúdo da expressão “guerra revolucionária”, adotada pelos soviéticos.

“Esta preferência — continua o Mensário aludido — se baseia no fato de que as expressões derivadas do termo “revolução” adquirem, por vêzes, na semântica brasileira, um caráter positivo de evolução e aperfeiçoamento, ao passo que o termo “insurrecional” presta-se melhor para caracterizar o sentido das ações em causa.

O Tenente-Coronel Carlos Meira Matos, em artigo publicado no Mensário Militar de Cultura, de novembro e dezembro de 61, comentando a variação de adjetivação para a guerra, aqui e alhures, adianta que embora a palavra “revolucionária” seja mais expressiva, há uma razão psicológica forte para optarmos pelo termo “guerra insurrecional”, porque nós, do Exército regular, estamos muito mais próximos de ter que repelir uma guerra desse tipo do que fazê-la.

“Se dermos aos nossos adversários o nome de revolucionários, estaremos emprestando a nós mesmos a designação de contra-revolucionários e, assim, dialéticamente começamos a perder antes de combater. Desenvolvendo este tipo de guerra num quadro de luta psicológica, ninguém pode dispensar a força de “slogans” dos “estereótipos”, das palavras pré-fabricadas, enfim dos produtos do “laboratório” dialético que já foi grande aliado do nazismo e hoje serve eficientemente o comunismo”.

O Estado-Maior das Forças Armadas recomenda as seguintes conceituações:

— *Guerra insurrecional* é a guerra interna que obedece a processos geralmente empíricos em que uma parte da população — auxiliada e reforçada ou não do exterior, mas sem estar apoiada em uma ideologia — empenha-se contra a autoridade (de direito ou de fato) que detém o poder com o objetivo de a depor ou, pelo menos, forçá-la a aceitar as condições que lhe foram impostas.

— *Guerra revolucionária* é a guerra interna de concepção marxista-leninista e de possível adoção por movimentos revolucionários diversos que, apoiados em uma ideologia, estimulados e até mesmo auxiliados do exterior, visam a conquista do poder, através do controle progressivo

físico e espiritual da população sobre que é desencadeada, desenvolvendo-se segundo um processo determinado com a ajuda de técnicos particulares e da parcela da população assim subvertida.

— *Guerra subversiva* é o conjunto de ações de âmbito local, de cunho tático e de caráter predominante ideológico, que buscam de maneira lenta, progressiva, insidiosa e pelo menos inicialmente clandestina e sem violência, a conquista física e espiritual da população sobre a qual são desencadeadas, através das bases fundamentais da comunidade que integra, da decadência e da perda da consciência moral, da falta de fé em seus dirigentes e do desprezo às instituições vigentes, levando-a a aspirar uma forma de comunidade totalmente diferente pela qual se dispõe ao sacrifício. Corresponde ao estágio pré-revolucionário da guerra revolucionária a que alguns tratadistas conferem a designação de Guerra Subversiva.

5. Outras posições

a. *Gabriel Bonnet*. “As guerras insurrecionais abrangem duas famílias: as guerras civis (que visam a autoridade nacional estabelecida) e as guerras de libertação (que se dirigem contra o invasor ou contra um poder estrangeiro). A guerra revolucionária é igual à guerra dos partisans mais guerra psicológica”.

b. *Lenine*. “Existem dois tipos de guerra: as de conquista (as guerras injustas) e as guerras de libertação (as guerras justas).”

CONCLUSÕES PARCIAIS

1. Para os franceses, toda a guerra subversiva tem dentro de si implícita ou explicitamente a inspiração de Moscou.

2. Para os americanos, a guerra não convencional é entendida no seu aspecto técnico. A guerra econômica, política e psicológica, levantadas como princípios de integração, seriam *processos* cujo desenvolvimento, reconhecem eles, exige uma ligação estreita com a população nativa. Não proclama o fato ideológico como cerne.

3. Para os russos, o fator de divisão é o interesse da URSS. Nem o fator técnico, nem o fator ideológico.

4. Nós admitimos dois grandes eixos:

a) Integração nacional — guerra de libertação.

b) O insurrecional, a serviço da ideologia russa que, pelas razões expostas acima, não o nomeamos de revolucionário.

5. BONNET chama de insurrecional o que chamamos de *libertação*, isto é, movimento de evolução política interno, quer contra um governo reacionário ao progresso, quer contra uma potência invasora ou colonial.

A guerra revolucionária é definida por *dois processos* que não identificam a sua essência, uma vez que ambos são comuns a qualquer tipo de guerra.

6. Muito a propósito para efeito de confundir, o grande líder russo — Lenine — fêz incluir, no termo libertação, as guerras de fundo nacionalista (de libertação) e as guerras a serviço do imperialismo soviético (guerra insurrecional).

As guerras de conquista pertencem antes ao passado colonialista do mundo. Hoje se as há são movidas pelos russos através do tipo insurrecional.

Assim guerra de conquista, para nós, é guerra insurrecional.

GUERRA CIVIL

Admitimos a convivência da guerra de libertação e insurrecional no grande grupo *guerra civil*, porque sentimos que o velho conceito, para nós, de guerra civil, traduz a essência comum que existe em ambos os tipos de guerra:

- Sublevação *interna* contra a autoridade de direito ou de fato.
- Participação da população civil.
- Processos similares (guerra psicológica, guerrilha).
- Objetivo comum: tomada do poder.

Diferem, acreditamos, fundamentalmente no fato ideológico. Na guerra de libertação o movimento é *nacionalista*, isto é, os objetivos da subversão terminam dentro da fronteira do país, como busca de integração nacional (independência completa):

- Política (luta contra o colonialismo ou contra a tirania da autoridade constituída em governo, ou contra eventual ocupação estrangeira).
- Econômico-social (contra o sistema econômico-social, distanciado da história, ou seja, distanciado das suas realidades culturais e que, portanto, não mais interpreta o momento nacional).

Na guerra insurrecional, os objetivos da luta ultrapassam as fronteiras do país e visam colocar o país sob a dominação soviética efetiva ou velada, que exercerá o imperialismo através da ideologia marxista-leninista. É, como dissemos no 1º capítulo, agressiva, de fora para dentro e, poderíamos dizer, colonialista porque sendo a violentação da cultura de um povo por imposição ideológica, participa do mesmo vício do colonialismo clássico:

- Autoridades títeres, geralmente nacionais, representando a metrópole.
- Fechamento da fronteira ao comércio vivo das idéias e mesmo dos informes — fator indiscutível do progresso humano (versão de fechamento dos portos).

- Restabelecimento da escravidão do braço humano, pelo encaminhamento do trabalho a setor de atividades eleitas pelo Estado (versão da imposição da atividade que interessa à metrópole).
- Prescrição da unidade de pensamento, estiolando uma das mais lindas conquistas do espírito humano — a liberdade de pensamento e opinião, em franco exercício no mundo há já dois séculos (versão do veto ao livre trânsito das idéias nativistas).

GUERRA DE LIBERTAÇÃO

Linhas Ideológicas e Conceptuais — Na guerra de libertação, o grande conceito ideológico é o nacionalismo ou afirmação da soberania de um povo que se levanta como força de subversão contra a ocupação colonial ou acidental de outros povos ou, contra o regime dissociado do seu momento histórico, ou seja, cultural, impôsto ao povo por minorias apoiadas na força.

É no sentido psicológico, um alargamento do ego à dimensão do grupo nacional quando o povo se dá conta da sua existência como grupo, com alma, cultura e características próprias e, tenta efetivar contra qualquer força que se oponha, a sua unidade psicológica incontestada que necessita para a sua expressão da *autodeterminação* em todos os campos da atividade humana (conceito de liberdade pessoal, ampliada para o povo) a fim de exercer plenamente as funções do Estado.

Assim, ao assistirmos o desfile das guerras desse tipo através da história, haveremos de concluir que elas foram inspiradas por esse anseio largo de liberdade (*autodeterminação*) ou como um movimento de povo amadurecido (espontaneidade social) rumo a conquistas econômico-sociais mais largas.

Poderíamos alinhar um sem-número de lutas desde a de VIRIATO contra ROMA, DUGUESCHIN contra o exército inglês, dos Partisans espanhóis, do TIROL e dos VOSGES (1814), a resistência dos franceses atiradores em 1870-1871, o movimento dos maquis franceses (1943-1944), a guerra de TUNÍSIA e ARGÉLIA, a de MARROCOS, ISRAEL, a Revolução Russa (1917 a 1921) e todos os demais espontâneos movimentos do povo na sua ânsia de integração nacional.

TÁTICA E ESTRATÉGIA DA GUERRA DE LIBERTAÇÃO

1. ESTRATÉGIA

— Diz J. HOGARD que na guerra insurrecional as populações representam, ao mesmo tempo, o *ambiente* onde se realiza a luta, o *objetivo* dos dois adversários e *um dos principais meios de ação*. Há necessidade, portanto, da dissolução do corpo social para a metamorfose necessária ao voo em nova direção.

Na guerra de libertação, não há dúvida, o povo é o ambiente e um dos principais meios de ação.

No entanto, não há necessidade da ação psicológica interna, porque o amor ao solo natal é inato na natureza humana e ele caminha naturalmente para a idéia de libertação da pátria ao compasso de simples medidas de arregimentação. Ele portanto, não é objetivo.

Como princípio estratégico principal teremos o domínio de áreas que facilitem o reconhecimento do seu governo.

A arma estratégica não é a exploração das contradições locais embora existam, mas o sopro a sentimentos nativistas vívidos na alma humana. A ideologia instintiva — o nacionalismo — não necessita de “experts” para exaltar-lhe a grandeza.

A estratégia militar — a guerrilha — corresponde, como defensiva estratégica e tática ofensiva, a uma real compreensão do fraco que combate o forte.

2. TÁTICA

— A tática é idêntica à da guerra insurrecional: a emboscada, a tocaia, as negações, as fintas, a surpresa enfim, como princípio para anular a diferença das massas. Na guerra insurrecional, portanto, teremos ensejo de explaná-las à luz de orientação do seu técnico número um — MAO TSÉ TUNG.

CONCLUSÕES PARCIAIS

1. A guerra de libertação é um instrumento do nacionalismo de um povo.
2. O clima das contradições internas, possível de ser explorado para acender a revolta popular, não é condição indispensável para o fermento revolucionário.
3. Não há politização ou conquista do povo à idéia revolucionária. Há arregimentação. O sentimento nacionalista é inato.
4. A estratégia militar é de defensiva estratégica e tática ofensiva, realizando o confronto dos dois princípios: *surpresa* contra *massa*. No entanto o seu objetivo são áreas que impossibilitem a ação do governo constituído e determinem a conquista do poder. O povo não é objetivo.
5. A tática se aproxima da empregada na guerra insurrecional, enquanto a estratégia busca os objetivos consagrados para a guerra clássica.
6. Há, cada vez mais, o domínio das regras da guerra insurrecional nas guerras de libertação, empreendidas nos dias de hoje, inclusive o interesse russo por qualquer luta nacional. Portanto, uma guerra de libertação pode transformar-se, no seu desenvolvimento, em guerra insurrecional.

GUERRA INSURRECIONAL

1. LINHAS IDEOLÓGICAS E CONCEPTUAIS

O fato ideológico da guerra insurrecional é a doutrina marxista-leninista. Com esta ferramenta, num solo trabalhado pelas contradições internas, a luta é lançada numa primeira etapa para a conquista física e psicológica das massas, por intermédio da guerra psicológica, intentando num segundo lance a tomada do poder por processos agressivos: a guerrilha.

Atrás dos bastidores do conceito, vigia o imperialismo soviético, que será o usufrutuário da vitória.

Para viver tódá a extensão desta exposição inicial, de atualidade gritante, vamos lançar mão de afirmações auxiliares, que ajudarão a entender a técnica de pensar inerente a esta forma de conflito, porque estas afirmações servem de "back ground" dos princípios estratégicos e táticos ostensivos:

"A ação nada mais é que um meio para atingir um fim qualquer".

"A população é para o revolucionário o que a água é para o peixe".

"A ideologia intermediária, particularmente o nacionalismo, é o pano de boca para as platéias adversas à idéia comunista".

"A subversão, além de ser uma técnica, é uma idéia".

"O poder político procede do cano da espingarda".

OBJETIVO. O objetivo é o domínio da população para a tomada do poder. Este domínio comporta duas fases (simultâneas):

— Dissolução física e moral do corpo social, segundo J. HOGARD, mediante uma ação no seu interior e outra partindo do seu exterior, *simultaneamente*, com a construção da sociedade revolucionária totalitária no próprio interior da sociedade vigente e às suas custas até que a primeira se tenha desenvolvido suficientemente para fazer desaparecer a segunda. Nesta fase a guerra psicológica do estilo soviético tem largo uso, com seu célebre triângulo de apoio:

- mistificação;
- projeção;
- técnica da escola reflexológica.

CONDIÇÕES INICIAIS :

- Contradições internas.
- Um movimento do povo provocado ou não face a estas contradições, que servirá de onda transportadora da nova ideologia.
- Área geográfica favorável.

CONDIÇÕES SUBSEQUENTES :

- Descrédito dos poderes constituídos.
- Apoio da população.
- Enfraquecimento das Forças Armadas, por campanha de desprestígio e pela própria contaminação dos seus membros, psicologicamente vivendo no grande organismo — o povo.

CARACTERÍSTICAS :

- Guerra religiosa, cuja doutrina esquematizada em dogmas, facilita a sua popularização e a sua intolerância e crueldade.
- Ajuda do exterior.
- Amoralidade.
- Guerra psicológica.
- Guerrilha.

ESTRATÉGIA E TÁTICA DA GUERRA INSURRECIONAL

ESTRATÉGIA. No pensamento marxista leninista a política está subordinada à estratégia.

É um princípio condutor das operações que faz flutuar o procedimento político ao sabor dos imperativos estratégicos.

Se a dinâmica da política russa é o domínio do mundo, a sua estratégia de paz obriga a política a conduzir as guerras indiretas e de exportação configuradas plenamente na guerra insurrecional.

O objetivo clássico da estratégia é a imposição da vontade. Aqui é o domínio do povo. O objetivo político da tomada de poder ficará subordinado a esta estratégia sub-reptícia da conquista das massas cujos processos variam ao infinito, ao sabor das cores locais, desde a aliança aos *ideais intermediários*, à *profissão de fé anticomunista* se assim convier à propaganda vitoriosa, à infiltração do princípio revolucionário no seio do povo. Não há dúvida, que, nas grandes linhas, a subordinação da política à estratégia é teórica, uma vez que elas se confundem, porque ambas, como instrumentos, visam objetivos paralelos: domínio do povo = tomada do poder.

O que se torna evidente é que neste tipo de guerra é mais difícil ainda a separação dos atos políticos, dos atos estratégicos e até dos atos estratégicos dos atos táticos. A dificuldade de discernir, não resta dúvida, numa área tão vasta — de política à tática, advém das flutuações do conceito de estratégia. No seu degrau superior: condução do poder nacional para conquista dos objetivos nacionais e nos degraus inferiores a clássica significação de conduzir as Forças Armadas rumo aos objetivos estratégicos que condicionam a obtenção dos objetivos políticos da guerra:

- ocupação de áreas geográficas que impossibilitem a continuação do exercício da vontade do inimigo levando à rendição, que é o objetivo político;
- dominação do povo ou ocupação de áreas psicológicas (para tornar a linguagem paralela) que determinem a tomada do poder como fato político indeclinável.

J. HOGARD, enfrentando o mesmo problema de discernir o estratégico do tático, começa afirmando que enquanto o estratégico mergulha nos campos político, diplomático e econômico, o tático é essencialmente militar.

Sob o “fácies” militar, o estratégico e o tático se distinguem pelos prazos em que se realizam as ações de guerra e os escalões que conduzem essas ações. Admite HOGARD que na guerra insurrecional a diferença dos prazos tende a desaparecer, mas o problema de escalão continua subsistente.

MAO TSÉ TUNG elabora, contudo, uma afirmação, procurando deslindar o caminho: “A nossa guerra é a estratégia de 10 contra 1, e a tática de 1 contra 10”. Em seguida, afirma: “O estabelecimento de bases regionais é um problema estratégico”.

“A condução da luta é dentro do quadro militar de defensiva estratégica e tática ofensiva”.

“Preferimos a guerra da manobra e do aniquilamento”.

As armas serão: a guerrilha, o terrorismo, a infiltração e a organização.

Dentro desse quadro estratégico sem linhas certas, ressoam, como diretrizes, as afirmações de MAO TSÉ TUNG:

“Preferimos as guerrilhas às organizações lerdas e pesadas”.

“Somos contrários aos “fronts” definidos e à guerra de posição, porque preferimos os “fronts” flutuantes e a guerra de movimento (manobra)”.

“Somos contra a retirada do inimigo, porque somos partidários da guerra de aniquilamento”.

"Somos contra as colunas errantes, porque consideramos as forças revolucionárias como organismo de propaganda popular e um fator de organização de um poder popular local".

"Somos contra as instalações logísticas importantes, porque preferimos as reataguas leves".

E, aqui, finalizando este capítulo, vejamos como SUZANNE LABIN apresenta um pouco do conteúdo estratégico — político-ideológico dessa luta de características "sui generis":

"As palavras são os projetis do século XX".

"Um jornal vale mais que 10 navios aeródromos".

"Uma película cinematográfica ou um programa de televisão produzem mais que 100 canhões".

"10 elementos criptocomunistas podem neutralizar 10 regimentos de Infantaria".

"Um ministro de informações é tão valioso para a defesa quanto o ministro de guerra".

Seriam esses princípios de SUZANNE LABIN, a estratégia da propaganda ou se quiser da guerra psicológica, componente da estratégia da guerra insurrecional.

2. TÁTICA

— A condução da luta deve ser feita pelo processo tradicional de guerrilha. A finta, a emboscada, a astúcia, todo o sistema de surpresa que multiplica o valor da guerrilha ao padrão 10 contra 1, forma as vigas mestras do procedimento da luta armada, neste processo insurrecional.

Como decorrência, surgem a fluidez e infiltração conseqüente, princípio básico do movimento das pequenas unidades, emoldurando o panorama militar da luta.

A propaganda — processo estratégico — vai ter, no terrorismo, na sabotagem de nível tático, uma sinistra maneira de convencer.

Por último, poderíamos visualizar através dos conhecidos princípios de MAO TSÉ TUNG a dinâmica e a psicologia desta tática:

- Se o inimigo avança, nós recuamos;
- Se o inimigo pára, nós o inquietamos;
- Se o inimigo cansa, nós o atacamos;
- Se o inimigo se retira, nós o perseguimos.

Na guerra de VIETNAM, que pode ser considerado o mais perfeito tipo de guerra insurrecional, valeram as seguintes recomendações do Comando das Forças Revolucionárias do VIETNAM:

- Combater sempre com inteligência; (Tática de ardis, escaramuças e emboscadas);
- Procurar, infatigavelmente, conservar a liberdade de movimentos;
- Estimular no guerrilheiro a vontade de atacar (atacar sempre, no avanço, na retirada, nas linhas de combate, na retaguarda);
- Manter o espírito de resolução (não tardar, não hesitar, não vacilar);
- Saber guardar segredo;
- Agir sempre com rapidez (fazer da rapidez o elemento essencial da surpresa);
- Fazer a guerra de extermínio total (impor o terror nas fileiras inimigas e na população não colaboracionista).
- A tática, contudo, pode evoluir para a forma clássica de guerra convencional, quando o valor da "base" e da força permita o exercício desse processo de luta.

TÉCNICA DA AÇÃO

Deixamos de desenvolver o presente item, por não ser preocupação do presente trabalho, de natureza mais conceptual. A técnica se encontra profundamente estudada pelos franceses, particularmente pelo Capitão SOUYRIS, atentando que a FRANÇA suportou no curto período de após-guerra, pelo menos quatro grandes operações subversivas: da Indochina (1945 a 1954), Tunísia (1934 a 1954), Marrocos e Argélia (1954 a 1958).

CONCLUSÕES PARCIAIS

1. A guerra insurrecional é uma luta em prol do domínio da ideologia marxista-leninista. Tem uma sugestiva bandeira social e uma técnica de ação apurada através de métodos científicos de persuasão e um largo experimento.
2. A ação antes de ser guerreira, é eminentemente psicológica, uma vez que o objetivo é o domínio da população, como trampolim para a tomada do poder.
3. O clima das contradições internas é o fermento necessário à propagação de ideologia.
4. O povo é o ambiente e objetivo da luta.

5. A estratégia visa a conquista de "bases" que dêem sentido geográfico à organização da massa.
6. A tática é a de guerrilha, incluindo atos de terrorismo e sabotagem. Características: fluidez, segredo, fintas, emboscadas, escaramuças, vivendo o mais possível a definição francesa: "Guerra abstrata, inimigo invisível".
7. A leveza dos elementos de apoio cria inicialmente um TO sem retaguarda. A solidez das retaguardas reside no apoio popular.
8. A esquematização da ideologia em estereótipos e "slogans", dá formas de dogma aos seus princípios, evoluindo a luta para a feição religiosa, intolerante e cruel.
9. São componentes da estratégia:
 - A propaganda da idéia;
 - A desmoralização do poder constituído;
 - A conquista da massa;
 - A luta de guerrilhas, podendo evoluir para a forma clássica de guerra convencional.

FASES

1. FASES

Vamos apresentar como fases o desenvolvimento sugerido pelo General Augusto Fragoso, o qual, como êle reconhece não pode merecer limites rígidos ou precisos:

1ª Fase: Início da organização e da preparação da população. Constituição de células ou núcleos secretos de agitação e de propaganda, núcleos de "ativistas", "organizações de base" — que difundem a ideologia escolhida e exploram a fundo "as contradições internas" do meio.

2ª Fase: Ampliação, por infiltração, da organização revolucionária (através do estabelecimento de uma rede de vigilância, de informações e de resistência) e criação de um clima propício à subversão da ordem, um clima favorável à Revolução, por intermédio de movimentos grevistas, sabotagens, desordens, tumultos, motins, protestos, enfim manifestações da mais variada índole, contrárias à ordem vigente que se intenta destruir.

3ª Fase: A fase da franca subversão: Criação de "bases" e de "bandos armados" que passam à ação violenta sistemática, desenvolvendo a sabotagem e fazendo reinar o terrorismo, seja para eliminar os mais temíveis adversários seja para intimidar neutros e indiferentes. Aparecem as ações de guerrilhas.

4ª Fase: A fase da rebelião plena: Criação das chamadas "zonas liberadas" — pela multiplicação das "bases" — onde se procura instalar um "governo revolucionário" para dar ao movimento uma aparência legal e um prestígio internacional, possibilitando assim, aos "governos amigos", o reconhecimento do governo totalitário. Intensificam-se as ações de *guerrilha*. As "unidades regionais" aparecem e se desenvolvem enquanto ativistas armados se disseminam por toda a parte, dosando hábilmente *terror* e *persuasão* para aprofundar cada vez mais o fôssco entre as "massas" e seus quadros tradicionais e para engajar e comprometer as populações. No fim desta fase aparece normalmente um exército pseudo-regular — a chamada "Fôrça Principal" que representará complemento final e valioso à aparência legal e legítima da insurreição.

5ª Fase: Combinação estreita das ações de guerrilha com as operações militares clássicas da "Fôrça Principal", tendendo ao desencadeamento da chamada "contra-ofensiva geral" — mais política e psicologia do que militar propriamente dita. O melhor modelo desta "contra-ofensiva geral" foi dado pela China, em 1949.

TENTANDO O DIAGNÓSTICO E A TERAPÊUTICA

Os sistemas de idéias não se impõem por sua lógica e excelência. Valem pelo seu conteúdo histórico. A aceitação desse postulado há de nos propiciar a compreensão do avanço da ideologia russa — o comunismo — instrumento da política soviética para o domínio do mundo. A conjuntura atual do mundo por si só é uma circunstancial de segunda importância face ao valor exponencial de amadurecimento do fenômeno social. Os campos férteis das contradições internas podem exacerbar a crise, mas não a criam, nem a conduzem. Se estiverem certas, essas conclusões oferecerão a chave para o combate à guerra insurrecional: — acompanhar a história.

A prevalência do social sobre o individual é uma realidade fora do comunismo. É do século.

O regime democrático para o equacionamento desses dois valores tem que se aperceber da necessidade de renovação dos seus institutos básicos de lei, criando também uma prevalência do social sobre o individual. Cabe à nossa inteligência estabelecer etapas para essa renovação, e inteligência como atributo social quer dizer, educação.

Mas se estamos como todos reconhecem, na fase pre-insurrecional é que o povo já por intuição tomou conhecimento do fenômeno histórico. Sobre aquele instituto fundamental e básico que recomendamos, já há lugar para as soluções secundárias.

Seriam elas a técnica de guerra psicológica e o combate às contradições internas como vigas mestras, no setor operativo.

A solução da força é o remédio derradeiro para quem não soube prevenir.

A propaganda e a campanha de esclarecimento são fatores de mérito que a democracia deve empregar ao máximo. As suas virtudes devem ser ressaltadas.

Há necessidade, ainda de um cerimonial de símbolos (bandeira e slogans) junto às mentes atraídas pela ritualística comunista. As mentes infantis gostam das idéias definitivas, do dogma que serve de anteparo seguro contra o esforço de raciocínio e de pesquisa. É uma lei de inércia mental.

Os símbolos, as idéias-estereótipos e as bandeiras são matérias pré-fabricadas, alimentos espirituais prontos para o uso.

Urge portanto, levantar uma bandeira para se contrapor à campanha solerte que o comunismo arrastado pela onda histórica social faz sobre o espírito das massas.

É preciso acreditar que o fenômeno social tem vida própria. Ninguém inventou. Não tem dono.

O descompasso entre a exigência do progresso social e a realidade social chama-se subdesenvolvimento. Apesar de não ter conteúdo certo é o caldo predileto para a agitação. A difusão leva a todos os recantos do mundo as conquistas dos povos. As aspirações dos indivíduos e grupos se orientam pelos melhores padrões que passam a ser modelos, metas a atingir.

A conjuntura social atual propicia o lançamento do povo brasileiro rumo a esses modelos que concretizem melhores níveis de vida.

O Nordeste, a chamada área-problema, vive padrões distanciados grandemente dos modelos preconizados e inclusive dos próprios padrões vigentes no sul do país.

É um clima propício à fermentação revolucionária. Como a bandeira do comunismo não oferece a esperada sedução à massa, são lançadas as "idéias-intermediárias": nacionalismo, reforma agrária, luta contra o imperialismo americano, solidariedade a Cuba, etc.

A luta já começou. Estamos pontilhando os itens de 1ª e 2ª fase insurrecional já citadas.

Temos: a propaganda franca, a arregimentação através das Ligas Camponesas, do Pacto da Unidade Sindical, do Conselho Sindical dos Trabalhadores, do Centro de Cultura Popular e da Aliança Operária-Estudiantil-Camponesa, etc. Não quer dizer que essas organizações sejam necessariamente esquerdistas. Mas elas envolvem as classes — objetivos dos esquerdistas: operários, camponeses e estudantes. A desmoralização do governo, meta insurrecional, é trabalhada através da propalação da impunidade para os agentes de corrupção; de que campeia o negociismo e o comércio de influência. Firma-se o descrédito das classes dirigentes e cria-se o clima de indiferença da maioria do povo pela sorte do regime.

Para as Forças Armadas criaram o slogan de que "Exército não combate Exército" e admitem que a possível divergência de idéias dentro dos grupos armados, os imobilizarão.

As grandes coordenadas estratégicas estão tentadas. Falta um aumento de intensidade que crie o clímax para o arrebatamento. E ainda líderes à altura da empresa.

Do nosso lado o problema de liderança também não parece estar bem equacionado. Pelo menos os líderes são acusados de irrealismo, a mais grave acusação que se lhes possa imputar.

É necessário movimentar a mesma estratégia: propaganda, arregimentação e, de nosso lado, mais o equacionamento econômico. Para o Nordeste temos dois órgãos que estão à altura da tarefa: SUDENE e DNOCS. São a essa altura órgãos de Segurança Nacional e deveriam ser supervisionados pelo CSN ao invés de manuseados por políticos vacilantes.

A democracia, já dizia Croiset estudando a democracia grega, tem o vício de sobrepor o interesse dos partidos ao interesse da Pátria.

Se é esse o seu vício apesar de suas excelentes virtudes, cabe obstar a ação partidária em setores substanciais da Segurança Nacional.

Conclusões :

Diagnóstico — Início da 2ª fase da guerra insurrecional.

Terapêutica — Adaptação dos institutos legais ao momento histórico.
— Campanha de esclarecimento e educação.

— Campanha contra o subdesenvolvimento.

CONCLUSÕES FINAIS

1. Na guerra de libertação, o conceito da luta é defensivo, enquanto na guerra insurrecional é ofensivo. Enquanto no 1º o objetivo é a integração nacional através do exercício pleno da soberania de um povo, no segundo a finalidade visada é a ampliação do domínio russo, no mundo.
2. Cada vez mais esses dois tipos de guerra se apresentam assemelhados em seus processos.
3. Enquanto na guerra insurrecional o objetivo estratégico é o domínio do povo, na guerra de libertação o objetivo estratégico é o domínio de áreas (como na guerra clássica) que impossibilitam a ação do governo constituído e determina a sua queda.

4. A tática, obedecendo os mesmos processos nos dois tipos de guerra, se reveste na guerra insurrecional da violência e crueldade próprias das guerras religiosas.
5. Na guerra insurrecional a necessidade de domínio do povo dá realce marcante à guerra psicológica.
6. A criação de uma bandeira para a democracia, facilitará a dinamização das medidas de prestígio e propaganda do regime junto ao povo.
7. Nada indica que a onda social amadurecida tenha no comunismo uma representação coerente. O fenômeno social hodierno pode ser instrumentado em normas democráticas, com maior espontaneidade social (adequação da idéia ao tempo e povo), portanto sem atrito entre o novo e o velho, do que em normas radicais formuladas aprioristicamente em laboratórios de pesquisa social. As conclusões marxistas-leninistas têm um vício comum com a análise algébrica: a interpretação é lógica, mas o conteúdo por vezes se distancia da realidade aceitável. Parece que o fato social foi considerado rigidamente como se rolasse história afora, sob impulso de uma inércia incontrolável. Os institutos de lei são uma forma de esvaziamento das forças imanentes no interior do fenômeno e, portanto, uma prevenção contra o eclodir das mesmas. Em suma, são uma ação humana de líderes afinados com a história corrigindo e esbatendo a onda social em curso.

A educação do povo é outro fator de correção. O fenômeno se desfigura quando vibra em novo ambiente social.

Lei e Educação como fatos, são também história, isto é, são forças lançadas no mesmo torvelinho complexo e inextricável, determinando novas resultantes.

8. A primeira medida de profundidade para fazer face à crise na atual mudança de valores, é um instrumento legal que interprete os novos valores e lhes dê uma tradução coerente com o apelo espontâneo social (adequação), fugindo de modelos de importação pré-fabricados.

O combate ao subdesenvolvimento e a educação trarão o povo ao encontro da lei e propiciarão de um lado uma resposta às suas necessidades urgentes e do outro um entendimento do *quantum* pode exigir do organismo social.

9. O emprêgo da força, quando obrigado pelas circunstâncias, vai significar apenas uma contemporização para que se dê tempo ao processamento das medidas de base preconizadas acima.